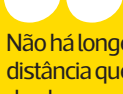


lá fora na primeira pessoa



Elísio Estanque

Sociólogo e professor universitário em Jena (Alemanha)



Não há longe nem distância que nos impeça de observar o que nos está a acontecer. O choque coletivo que sofremos nas últimas semanas já nos obrigou a encarar a catástrofe global que enfrentamos. Apesar disso, continuo estupefacto ao olhar as imagens do meu país, que me chegam pela televisão, com os hospitais a rebentar, assoberbados de doentes em estado grave, macas, médicos e enfermeiros em movimento, como se estivesse num filme de guerra. Urge enaltecer os profissionais de saúde. Anjos voluntários e anónimos, cobertos pelos seus fatos brancos ou azul turquesa, acorrem a quem está no limite; nota-se neles e nelas o limite do cansaço, no suor que as máscaras não escondem, na exaustão e desalento perante tantas mortes em cadeia. Mais um braço que tomba inanimado, um último suspiro, uma linha contínua na máquina. Menos uma vida. Sem o conforto do familiar mais próximo, sem o toque carinhoso e suave da pele com a pele, é talvez o leve gesto final de humanidade, o último e vago vislumbre de vida, a imagem já desfocada no drástico esgar daquele rosto – médico/a, enfermeira/o –, que registam no segundo fatal em que a cortina se fecha; autênticas almas celestiais. Tantas vidas que já se perderam, e muitas mais se seguirão. Haverá sinais de um novo renascer da esperança? Sem dúvida que sim. Em mais um dia primaveril aqui em Jena, vários vizinhos, como eu cercados entre a casa e o balcão das traseiras, saudaram-me hoje pela primeira vez, sorriso aberto, cerveja na mão, com um «prost!» em nome da partilha fraterna que dá sentido à vida.